

OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES E A EUROPA*

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES

No início da Europa está a descoberta. A descoberta de um continente nos seus contornos históricos, nas suas dimensões culturais, no seu lugar próprio num mundo novo, vasto - ultrapassando mares e limites, desafios e fronteiras.

Ao regressarem de terras totalmente ignoradas, por mares desconhecidos, os nautas portugueses revelaram insólitas e surpreendentes novidades que extasiavam Portugal como o resto da Europa.

Coube à literatura portuguesa de viagens apresentar o que de novo e impressionante os seus autores viram e ouviram ao aportarem a novos cais. Estes textos são, pois, o testemunho da surpresa, o relato do insólito, o depoimento entusiasmado ou apreensivo sobre a nova realidade física e humana.

A Expansão Ultramarina que, em larga escala, marcou o destino lusíada, como teria sido recebida na Europa? Como comungariam os europeus deste entusiasmo fervescente perante a descoberta de um mundo que, de repente, ganhara outra silhueta? Qual o papel de Portugal para a descoberta da Europa no limiar dos tempos modernos?

Vejamos alguns exemplos.

É o desejo de conhecer novos mundos que leva o italiano Luís de Cadamosto a aceitar o convite do Infante D. Henrique e a embarcar em caravelas portuguesas. E, como podemos comprovar no registo que nos deixou, as viagens não o desiludiram. De facto, o que se lhe oferece ver é de tal forma inaudito e maravilhoso, que o nauta nos relata encontrar-se num outro mundo que não o que lhe era até então

* Oração de Sapiência proferida em Viseu, a 5 de Fevereiro de 1999, na Sessão Solene integrada nas Comemorações do Dia Nacional da Universidade Católica Portuguesa 1999, à qual presidiu Sua Excelência Reverendíssima o Magno Chanceler, Prof. Doutor D. José da Cruz Policarpo.

conhecido. A este mareante ficar-se-á a dever o primeiro relato conhecido sobre as viagens marítimas portuguesas no Atlântico. É o início de um novo debuxo da costa ocidental africana, ou melhor, do mundo não conhecido.

Em 1507, o humanista Fracanzio da Montalboddo edita o relato das viagens de Luís de Cadamosto numa colectânea intitulada *Paesi novamente ritrovati...* a que logo se seguem muitas outras edições em toda a Europa. Um ano depois, por exemplo, em língua latina, com o título, *Itinerarium Portugallensium* e, nesse mesmo ano de 1508, viria ainda a lume em alemão: *Newe unbekante landte und ein newe weldte in kurz vergangener zeythe erfunden*. Jobst Ruchamer, um médico de Nuremberga que a verteu para a língua alemã, fala-nos do seu espanto ao ler as notícias estonteantes e insólitas de terras longínquas, onde habitavam povos negros com usos e costumes tão diferentes dos conhecidos. Este teria sido mesmo, como nos adianta no prólogo, o motivo que o levava a traduzir a antologia de Montalboddo para o alemão. As novas causar-lhe-iam tal admiração que se sentira impellido a torná-las familiares no seu país. A descoberta de novas regiões do orbe terráqueo, afinal habitado, seria, no seu entender, um milagre.

É a curiosidade que leva o italiano Luís de Cadamosto a participar na empresa marítima portuguesa. É também a curiosidade, a *curiositas*, que induz os eruditos do sul e do norte da Europa a lerem e traduzirem o testemunho que este navegador lhes legou. É ainda a curiosidade que sugere a um impressor moravo residente na capital portuguesa novos trabalhos editoriais. Atraído pelas estonteantes novidades das viagens marítimas portuguesas, o impressor Valentim Fernandes formula um dos mais eufóricos testemunhos sobre a descoberta de terras para além da linha equatorial. Na verdade, na introdução que antecede a edição do seu *Livro de Marco Polo* - uma das primeiras edições europeias - Valentim Fernandes expressa o seu entusiasmo e deslumbramento face aos feitos dos portugueses. Escrito já em 1502, o seu texto é um hino entusiástico às navegações portuguesas. Também ele nos fala das: "cousas nouas e marauilhosas das terras e gente noua e das suas cousas" (Fernandes, 1502: Fol. Aj.v.). Como homem prático e experimental que demonstrou ser, ele não esmorece perante a surpresa e a notícia insólita de um outro mundo além-mar e propõe-se "écrire le monde", uma tarefa comum, alguns anos mais tarde, a muitos geógrafos e eruditos europeus, mas

que no alvorecer do século XVI se declara manifestamente precoce e singular.

O propósito de "corrigir" os horizontes geográficos coevos tão do seu agrado irá ser também a causa fundamental dos célebres manuscritos a que está associado ao seu nome. O denominado "Manuscrito de Valentim Fernandes", mais propriamente, uma colecção de escritos relativos às viagens marítimas portuguesas que se virá a encontrar na posse do seu amigo e correspondente, o *Stadtdiener* de Augsburg na Alemanha, Konrad Peutinger. Se não nos é possível testemunhar qual a sua proliferação e ressonância em terras alemãs, poderemos, contudo, afirmar que, compilando escritos de vários autores, entre eles Gomes Eanes de Zurara, Diogo Gomes, Martin Behaim ou Hans Mayr, esta famigerada colectânea é um trabalho pioneiro: testemunho vivo da curiosidade do seu autor pelo mundo ultramarino, ela exemplifica o interesse que a empresa portuguesa despertou pela Europa fora. Esta recolha que Fernandes empreendeu entre os anos de 1505 e 1508 junto dos mareantes lusos tornou-se, com efeito, num dos mais interessantes documentos dos Descobrimentos Portugueses, bem como num valioso testemunho do cuidado e espírito humanista em conhecer os horizontes geográficos e humanos do orbe terráqueo.

Embora não possa contar com a ampla difusão das obras impressas como os *Paesi novamente retrovati* de Fracanzio da Montalbodo, de que já falámos, do *Novus Orbis* de Simon Grynaeus ou das *Navigazioni e Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio, o manuscrito de Fernandes integra-se neste ambiente receptivo e coleccionador de informações, sendo uma das primeiras antologias da novidade.

Embora não saibamos quais as intenções concretas que levaram o diligente editor a recolher este feixe de novas geográficas, isto é, se pensaria numa edição em Portugal ou até no estrangeiro, o certo é que o terá feito também dada a sagaz curiosidade que as notícias das viagens marítimas - entre as "cousas dignas de se ver" (carta de Fernandes a Peutinger, in: Costa, 1939: 88) - despertavam por toda a parte, inclusive no círculo de amigos de Peutinger, na Alemanha.

Além de conselheiro imperial, agente político e jurista, Konrad Peutinger era um grande coleccionador de relíquias do passado e um grande apaixonado da geografia. Peutinger intencionava organizar uma recolha geográfica sobre o orbe terrestre, sendo as notícias trazidas

pelos nautas portugueses de incondicionável valor para o seu trabalho. Junto às antiguidades clássicas - Peutinger poder-se-á considerar o fundador da ciência de antiguidades romanas e germânicas na Alemanha - deveriam figurar as da Índia e do Novo Mundo. Não será, assim, de estranhar a referência que faz às caravelas portuguesas no Atlântico e à chegada a Calecute na sua obra *Sermones convivales*. São, na verdade, inúmeros os testemunhos do seu vivo empenho em estar o mais actualizado e o mais próximo dos acontecimentos históricos. Por um lado sabemos das iniciativas que empreende junto ao Imperador Maximiliano I para que os comerciantes alemães venham a participar da actividade marítima e comercial portuguesa, por outro lado verificamos uma activa ocupação e interesse pelos Descobrimientos Portugueses, como se pode observar pelos numerosos volumes dedicados a esta temática na sua biblioteca. Casado com a herdeira de uma das maiores casas comerciais da Europa, os Welser, Peutinger estava naturalmente bem informado das acções comerciais germânicas e sabia da grande oportunidade que se apresentava às firmas alemãs com a abertura da Rota do Cabo. E isto o testemunham as cartas e relatos que encontramos entre os seus documentos, mormente os textos relativos à primeira e segunda viagem de Vasco da Gama para a Índia, à expedição de Pedro Álvares Cabral, à viagem de Américo Vespúcio e ainda sobre a frota de D. Francisco de Almeida. Que a sua curiosidade por estes escritos não ficaria por uma mera e desinteressada leitura prova-o o facto de Konrad Peutinger ter vertido para o alemão o relato da segunda viagem de Vasco da Gama.

No dealbar do século XVI, os homens de letras europeus profundamente interessados no manancial de informações das viagens dos Descobrimientos seriam um importante parceiro na troca de notícias sobre o mundo. Tal como Jobst Ruchamer, o médico tradutor de Cadamosto, tal como Valentim Fernandes e o seu amigo alemão Konrad Peutinger, empenhados em recolher relatos autênticos das viagens, estes amantes "das coisas da humanidade" lançam-se numa tarefa: a de traduzir obras sobre a Expansão portuguesa. O que os levaria a traduzir e editar estes textos? Ou coloquemos a questão de outro modo, o que trazem de novo as obras portuguesas à cultura europeia?

No prólogo da edição alemã da *História e Conquista da Índia pelos Portugueses* da autoria de Fernão Lopes de Castanheda, sublinha-se que se deve aos navegadores portugueses a descoberta de

uma grande parte do mundo, e que, através das suas viagens, se poderia tomar conhecimento com terras e gentes nunca vistos. Para além da surpresa inicial da descoberta de um mundo novo, os intelectuais europeus reconhecem de imediato o valor científico dos registos de além-mar. Sem eles não se poderia conhecer o mundo nas suas verdadeiras dimensões, dado que o orbe terráqueo, tal como era até então conhecido, perdera a sua validade. Assim, sem eles, sem o seu saber dificilmente se poderia estudar e traçar um debuxo sério e rigoroso sobre o globo terrestre. Impunha-se questionar as novas directrizes com vista a julgarem o conhecimento herdado para a formulação de uma nova ordem de saber.

Na crença humanista de conhecer o mundo e a humanidade, os letrados europeus irão reconhecer e testemunhar o mérito das relações de viagens portuguesas. Estas vinham de encontro ao seu desejo de descrever minuciosamente a terra nas suas formas geográficas e humanas. E, por isso, não escondem o orgulho pelo momento presente. Os nautas portugueses tinham ido mais longe do que os seus antepassados, descobrindo impérios de maiores dimensões. Nos prólogos os editores declaram entusiasticamente que o mundo atingira uma dimensão geográfica e cultural até então completamente impensável. Aos mareantes e pilotos, verdadeiros heróis do presente, ficar-se-ia a dever este inédito e estrondoso feito. Ao ousarem ir além dos Cabos Nãos, estes homens teriam não só contribuído para o aumento geográfico do globo, como tinham reformulado a noção de humanidade, pelo que mereciam sincero e reconhecido respeito. Era, para estes homens, mais uma prova de que o esforço humano de querer ir mais longe seria frutuoso. Assim, não é de admirar que estas obras sejam equiparadas às obras da Antiguidade Clássica, uma vez que também estas formulam princípios inerentes à configuração da terra. Enquanto os textos clássicos dão a conhecer o passado da Europa e do mundo, a literatura portuguesa de viagens informa sobre a actualidade, pelo que ambas são consideradas como preciosa documentação para o conhecimento histórico da humanidade.

Mas qual a reacção destes eruditos ao verificarem que estas novas não só não eram do seu conhecimento, como também eram desconhecidas de autoridades clássicas, como o alexandrino Ptolomeu, cuja descrição da terra era considerada o fundamento de todos os saberes geográficos e culturais? Na verdade, os geógrafos falam de um mundo extra-ptolomeu - inserido inicialmente nos apêndices das

suas obras -, mas o certo é que as novas informações não abalariam os alicerces do seu saber, bem pelo contrário os humanistas elaboram uma suma do conhecimento. Compreendendo-se como seguidores da cultura greco-latina, estes eruditos apoiam-se neste quadro de valores, sem, no entanto, fecharem os olhos aos dados actuais. E embora estivessem em jogo concepções e métodos científicos de natureza heterogénea, os dados adquiridos pela experiência sobreviveriam nos meandros da erudição. Ao realizar este compromisso, os autores permitiam que as novas observações e experiências fermentassem serenamente sem desmorrionar o edifício já iniciado; com esta sua atitude traditiva preparavam meticulosamente o terreno para uma revolução dos códigos de saber.

Um dos exemplos mais categóricos desta postura metodológica são os trabalhos de Sebastian Münster. Com efeito, o geógrafo alemão edita a *Geografia* de Ptolomeu, onde ao lado do texto primário, acrescenta, como o exige o exercício heurístico, os seus comentários curiosamente repletos de dados da actualidade. E a sua famosa *Cosmografia*, a suma dos saberes coevos durante quase cem anos em cinquenta edições publicadas em toda a Europa, tem por escopo informar e apresentar a continuidade histórica das realidades geográficas. Tanto num como noutro escrito, Münster recorre à literatura de viagens, a fim de obter os dados mais recentes acerca dos novos mundos. Nomes como Luís de Cadamosto e Damião de Góis, Francisco Álvares ou Duarte Lopes, entre outros, surgem nas páginas das suas obras; eles são as fontes por excelência para delinear os novos contornos geográficos e culturais. Mas não é só nas obras de índole geográfica que encontramos referências e citações de autores portugueses. Nas diversas áreas do saber, história, teologia, linguística, botânica ou zoologia aparecem vestígios destas fontes. Sem esquecer a produção artística, pois, como sublinhámos na nossa última publicação, as obras portuguesas descrevem exóticas paisagens, criam quadros pitorescos, retratam personagens invulgares capazes de inspirar muitos artistas europeus a esquisar graficamente esta nova realidade.

A literatura portuguesa de viagens fornece o *corpus* documental básico para a fundamentação científica. Não é, pois, de estranhar que os letrados europeus dos séculos XVI e XVII lhe atribuam um lugar relevante e privilegiado entre as obras coetâneas, uma vez que nas suas páginas, tal como nas autênticas *histórias*, encontrar-se-ia um

indelével e verdadeiro documento. Retratos definidos por aqueles que tinham visto as novidades pela primeira vez e com os seus próprios olhos, estas obras constituíam um imensurável contributo no esboço interpretativo de outras terras, outras gentes e outras sociedades.

Mas como já tivemos oportunidade de o demonstrar em estudos anteriormente realizados, o mérito e o valor das relações de viagens portuguesas não se esgota apenas quando urge coligir informações. Também no momento de as reflectir ou classificar, os autores europeus bebem de novo, com avidez, nos escritos dos nautas, inesgotáveis fontes de saber. Quando nos finais do século XVII se torna necessário e premente reorganizar, mormente, agrupar e classificar o manancial informativo, segundo os grandes temas coetâneos e segundo os contextos referenciais, a fim de reformular conceitos, com os quais a humanidade ganharia inevitavelmente formas e dimensões mais claras e precisas, os autores seiscentistas debruçam-se de novo sobre a literatura de viagens portuguesa. Chegara o momento de atribuir, aos povos e regiões anteriormente ignorados, o seu lugar junto das realidades já conhecidas. Já mais libertos do património cultural erudito, os homens de letras têm a percepção de que as informações da empresa ultramarina portuguesa aceleraram o progresso das ciências ao formularem novas concepções sobre o mundo e a humanidade. Como contributo para o progresso das ciências e para a auto-realização do mundo velho, como contributo para uma primeira globalização sob o signo deste velho continente, os Descobrimientos Portugueses são um factor primordial na descoberta da Europa.

Concluída a integração no contexto histórico e civilizacional, o mundo novo deixara de ser simplesmente um *outro* mundo. Alcançada e instituída uma nova suma de saber, que superara o herdado das autoridades clássicas, criam-se as condições para um novo esboço científico. Só após o contacto com a variedade e a diversidade de sociedades, usos e costumes, idiomas e leis no mundo é que se ousa formular uma história global da humanidade, ou se intenta debuxar um modelo civilizacional. Neste sentido, as histórias dos nautas portugueses adquirem um lugar de destaque no debate cultural, pois, como espelho de experiências autênticas, elas erguem a voz da verdade.

Nos finais do século XVII trilharam-se os primeiros passos de uma ciência empírica e classificatória aberta tanto à tradição do passado,

como às influências do presente. A chegada a outros portos culturais desafiou a cultura europeia. Na verdade, a eventual segurança de um rumo certo, a ideia de um único caminho civilizacional estremeceria frente à consciência de um mundo ilimitado. A pluralidade e variedade de realidades humanas em todo o mundo impunha criar novas categorias, reformular critérios, refazer conceitos. As realidades humanas não-europeias foram assim o espelho dos europeus. Nos exemplos dos povos além-mar, os europeus podiam descobrir as suas qualidades, bem como os seus defeitos. Como dizia um autor coevo: "Não saber nada da barbárie é parte da barbárie" (Francisci, 1670: prólogo), isto é, o conhecimento de outros povos induz a tratar de delimitar com maior clareza os seus caracteres próprios em contraposição com os demais. Debruçando-se nesse espelho, os europeus reconheceriam as falhas a colmatar e descobriam as virtudes alcançadas. Revendo-se no retrato dos Outros, a Europa reafirma a sua experiência histórica, continuando a ser, aos olhos dos seus doutrinadores e eruditos, o velho mundo. Em suma, os Descobrimentos Portugueses contribuíram não só para que a Europa descobrisse um novo mundo, mas também para que a Europa se descobrisse a si própria.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, António Alberto Banha de Andrade (1972), *Mundos Novos do Mundo, Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa.
- ANSELMO, Artur (1984), *L'activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*, Paris.
- ANSELMO, Artur (1983), *Les Origines de l'Imprimerie au Portugal*, Paris.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1551-1561), *História do Descobrimento e conquista da Índia*, Lisboa, ed. M. Lopes de Almeida, Porto 1979.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1565), *Warhafftige vnd volkomene Historia/ von Erfindung Calecut vnd anderer Königreich/ Landen vnd Inseln/ in Indien/ vnd dem Indianischen Meer gelegen...*, s.l.
- CÉARD, Jean (Ed.) (1986), *La Curiosité a la Renaissance*, Paris.
- CIDADE, Hernani (1963), *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina, As Ideias - Os factos - As formas de arte*, vol. I, (sécs. XV e XVI), Lisboa.
- COSTA, Fontoura da (1939), *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508)*, Lisboa

- DIAS, José S. da Silva (1973), *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Coimbra.
- EHRHARDT, Marion (1989), *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa.
- FERNANDES, Valentim (1502), *O Livro de Marco Polo*, Lisboa, ed. Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, 1922.
- Códice Valentim FERNANDES* (1997), ed. José Pereira da Costa, Lisboa.
- FRANCISCI, Erasmus (1670), *Neu-polirter Geschicht= Kunst= und Sitten= Spiegel ausländischer Völcker...*, Nürnberg.
- GREIFF, B. (1861), *Briefe und Berichte über die frühesten Reisen nach Amerika und Ostindien aus den Jahren 1497-1506 aus Dr. Conrad Peutingers Nachlass in: Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541*, Augsburg, pp. 113-172.
- GRYNAEUS, Simon (1532), *Orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum una cum tabula cosmographica*, Basel, 1532.
- ITINERARIUM PORTUGALLENSIUM e Lusitania in India et inde in occidentem et demum ad Aquilonem*, s.l. (Milão), 1508.
- LESTRINGANT; Frank (1993), *Écrire le Monde à la Renaissance. Quinze études sur Rabelais, Postel, Bodin et la Littérature Géographique*, Caen.
- LOPES, Marília dos Santos (1987), Os Descobrimentos portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, in: *ICALP - Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, Lisboa, N°7/8, pp. 28-40.
- LOPES, Marília dos Santos (1990), Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, in: *Mare Liberum* 1, pp. 205-308.
- LOPES, Marília dos Santos (1992), *Afrika. Eine neue Welt in deutschen Schriften des 16. und 17. Jahrhunderts*. Stuttgart
- LOPES, Marília dos Santos (1993), Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos ou o que traziam de novo as obras portuguesas à cultura alemã? In: *Mare Liberum* 6, pp. 97-103.
- LOPES, Marília dos Santos (1995), *Fremdwahrnehmung und Selbsteinschätzung. Frühneuzeitliche Reiseberichte aus dem südlichen Atlantikraum im Vergleich*. Bamberg.
- LOPES, Marília dos Santos (1996), "Vimos oje cousas marauilhosas." Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses. In: *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa, pp. 13-23.
- LOPES, Marília dos Santos (1998), *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimentos*. Lisboa.
- MONTALBODDO, Fracanzio da (1507), *Paesi nouamente trouati Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, Vicenza.
- MÜNSTER, Sebastian (1544ff.), *Cosmographia, Beschreibung/ aller Lender...*, Basel.
- MÜNSTER, Sebastian (1540), *Geographia vniversalis, verus et nova, complectens Clavdii Ptolemaei alexandrini enarrationis Libros VIII*, Basel.

- PINTO, João Rocha (1989), *A Viagem, Memória e Espaço, A Literatura Portuguesa de Viagens, Os Primeiros Relatos de Viagem ao Índico 1497-1550*, Lisboa.
- PEUTINGER, Konrad (1506), *Sermones convivales...*, s.l.
- [RUCHAMER, Jobst] (1508), *Newe unbekante landte und ein neue weldte in kurz verganger zeythe erfunden*, Nürnberg.
- RAMUSIO, Giovanni Battista (1550-1559), *Navigazioni et Viaggi*, Veneza, ed. Marica Milanese, 6 vols., Torino, 1978-1980.
- WUTTKE, Dieter (1989), *Humanismus in den deutschsprachigen Ländern und Entdeckungsgeschichte 1493-1534*, Bamberg.